

## *Editorial*

A *Verinotio* – Revista on-line de Educação e Ciências Humanas dá mais um passo em sua trajetória de difusão da obra marxiana e do pensamento de rigor, de resgate do humanismo e da filosofia contracorrente. Em seu décimo número, a revista traz a lume um conjunto de textos que ampliam e aprofundam seu escopo, abrangendo desde a miséria do semiárido até a indignação da esquerda brasileira a partir de 1964, que culminou no desastre anunciado do PT. Além disso, a revista também traz diversos artigos em que os próprios autores marxistas são submetidos a revisão rigorosa e, como tem sido frequente nestas páginas, o pensamento marxiano é discutido em sua inesgotável novidade e riqueza.

O artigo de Alan Rodrigues de Souza, “O estado moderno e o papel dos intelectuais em Gramsci”, retoma tema já bastante discutido – mas nunca o suficiente – no interior do pensamento do importante filósofo italiano. Objetiva explicar as diversas manifestações do estado e seu papel enquanto aparelho de dominação de classe ou grupos sociais. O autor parte da ideia de que é por meio do estado que classes ou grupos sociais (como é o caso dos intelectuais) estabelecem relações entre si, com o intuito de perpetuar as relações sociais materiais e ideológicas. Trata-se, como se vê, de temática fundamental, tendo em vista que perpassa o papel dos intelectuais (e, portanto, das teorias) nas diversas sociedades, além da questão da política e do estado. Ademais, retorna a Gramsci que, como todo clássico, é mais citado que lido, embora se possa dizer que suas teorias (ou as interpretações dela) tenham grande influência nas ciências sociais atualmente. De fato, dentre as diversas correntes marxistas, parece haver atualmente prevalência das ideias gramscianas sobre a politicidade, às quais se atribui o qualificativo de terem ampliado e desenvolvido noções marxianas, que seriam apenas indicativos lacunares. Cabe aos leitores, comparando os dois autores, concluir sobre a contribuição gramsciana em face de Marx. Muitos textos já publicados na *Verinotio* podem contribuir para clarificar tal debate.

O segundo artigo, de autoria de Marcos Augusto de Castro Peres, trata da exclusão educacional vivida por idosos na região do semiárido nordestino, particularmente no interior do estado do Rio Grande do Norte. “A educação de jovens e adultos e

analfabetismo entre idosos no semiárido nordestino: velhice e exclusão educacional no campo” aborda assunto, escandalosamente, ainda na ordem do dia em pleno século XXI – quando, paradoxalmente, a educação é tida como a panacéia a solucionar todos os problemas sociais, da violência às questões de saúde, passando pelo desemprego. De fato, notícias recentes dão conta da precariedade da educação no Nordeste brasileiro, cujos índices de desempenho têm uma enorme distância em relação aos do Sul/Sudeste. O autor chama a atenção para os números bastante elevados de analfabetismo, particularmente entre a população com 60 anos e mais de idade, os quais nos fazem pensar melhor sobre a suposta universalidade dos programas de educação de jovens e adultos. Ao mesmo tempo, mostra-nos possíveis alternativas, geradas pela criatividade dos movimentos sociais, as quais buscam contemplar a universalização e a diversidade dos participantes nas ações educativas.

Nancy Romanelli e Ailton Bedani apresentam algumas ponderações sobre a atual visão e os cuidados que são direcionados ao corpo, no texto “O engodo do corpo perfeito: alguns apontamentos inspirados nas ideias de Adorno e Horkheimer”. Os autores desejam apontar algumas críticas à idealização estética que perpassa as visões mais disseminadas sobre o corpo. Apoiados em T. W. Adorno e Max Horkheimer e seus seguidores, avaliam que os autores alemães da assim chamada “Escola de Frankfurt” “podem contribuir para uma sólida crítica aos mais recentes discursos e métodos que, regulados por interesses ideológicos e mercantilistas, convergem frequentemente para a maquinização do corpo”. Trata-se de discussão bastante atual e cada vez mais presente no debate acadêmico. Nem sempre, porém, é efetivada com o necessário rigor teórico, e quase sempre tende a decair na denúncia superficial – e, por vezes, libertina. Entretanto, o tema é importante, no contexto da reificação a que é submetido o ser humano (a qual inclui a coisificação de seu próprio corpo e de sua alma), contraposta à apropriação de si e ao pleno desenvolvimento de sua essência que qualificariam uma associação de produtores livres e iguais.

Em seu artigo, intitulado “Pensamento social da modernidade e ontologia materialista”, Ricardo Lara discute com raro rigor a construção social do pensamento, tendo como alicerce primeiro a ontologia do ser social instituída no pensamento marxiano. Conforme demonstra o autor, a crítica marxiana às formas de pensamento de sua época “tem como principal preocupação a análise da realidade social, que necessita ser compreendida para ser transformada”. Portanto, pressupõe a análise da própria coisa, “da essência ontológica da matéria tratada”, em vez de se apoiar em rodeios gnosiso-epistêmicos. Passando por breves menções a Kant, Hegel, Feuerbach e Marx, intenta demonstrar que este último “constrói uma intelecção de mundo que emerge da realidade social, que investiga a conexão íntima das contradições so-

ciais do movimento real”. Aponta a importância – a qual Marx apreende – que tem a atividade sensível do homem, forma de existir própria do ser social que medeia sua relação com os outros homens e com a natureza. Segundo tal concepção, “Os sujeitos são os homens ativos diante dos objetos; os objetos são as atividades sensíveis dos sujeitos”, de forma que tanto a subjetividade quanto a objetividade são produtos da prática social humana.

Antônio José Lopes Alves, colaborador de longa data da *Verinotio* cujo quilate não é mais preciso referir aqui, apresenta artigo em que trata “A crítica marxiana à ‘economia de conceitos’ de Adolph Wagner” – sempre por meio da análise imanente dos textos da própria lavra de Marx. Neste texto da maturidade do filósofo alemão evidencia-se que o procedimento científico deste – no caso, a crítica da economia política – efetiva-se por meio de uma análise categorial, ou seja, das formas de ser, e não de “puras figuras conceituais”. Tal padrão científico subjaz à “elucidação dos nexos essenciais do modo de produção capitalista, tanto da sua realidade objetiva quanto de sua expressão ideal”, ou seja, a crítica feita por Marx diz respeito às “categorias teoricamente articuladas como resultado da captação intelectual das formas de ser da realidade”. Segundo a concepção marxiana, a própria realidade é o parâmetro da verdade, sendo as concepções gnosiológicas e afins por ela determinadas.

Antonio Rago Filho, outro cuja presença constante neste espaço é devida à sua seriedade no trato dos temas que aborda, discute “O ressurgimento das greves operárias no ABC Paulista e o ardil do politicismo da autocracia burguesa bonapartista” na passagem dos anos 70 para os 80. O autor demonstra que a luta pela distensão democrática formal, levada a cabo pela oposição consentida e pela esquerda eurocomunista, coadunava-se com os projetos de autorreforma “pelo alto” da ditadura burguesa instituída. Por outro lado, fusão de embates econômicos e políticos, as greves daquele período punham abaixo, na sua própria existência prática, a estrutura jurídico-política da autocracia bonapartista e, ainda, golpeavam mortalmente a apropriação dual da mais-valia e as estruturas da acumulação subordinada. Esta *nova esquerda*, contudo, também trazia em seu bojo contradições e dilemas, de tal monta que, renunciando à emancipação humana, absteve-se de uma perspectiva própria, abriu mão da “independência ideológica” e, portanto, de até mesmo tentar “emplacar uma transição parametrada pela lógica onímoda do trabalho”.

Outro artigo que apresentamos aos leitores, “Interpretações da colônia: leitura das contribuições de Caio Prado Jr. e Fernando Novais”, de autoria de Carlos Alberto Cordovano Vieira, volta-se à discussão do historiador marxista Caio Prado Jr., um dos maiores que o país já conheceu, apontando suas aproximações e dessemelhanças com relação a Fernando Novais no tocante ao entendimento da sociabilidade colo-

nial brasileira. Tema que recentemente voltou a ser revisitado e “revisado”, a partir da ideia de que os autores mencionados deixaram de dar ao fator interno (incluindo o mercado) o devido peso. Nesse contexto, Vieira se posiciona a favor de Prado Jr. e Novais, “destacando a centralidade do capital mercantil e dos nexos que estruturam os mecanismos de exploração, nos marcos do antigo sistema colonial” que perpassa o pensamento dos autores mencionados. Foge, pois, do modismo de retornar aos autores clássicos para, forçosamente, indigitar-lhes erros e incoerências, desconsiderando os próprios avanços que apresentaram em seu momento histórico e, sobretudo, atendendo aos baixos critérios acadêmicos de “originalidade”. Agregue-se, ainda, que os autores mencionados – em suas diferenças, as quais não podem ser devidamente tratadas no âmbito de um artigo – seguem uma tradição que visa a compreender a sociabilidade colonial na sua totalidade, sem se perder nos detalhes, mérito devidamente destacado por Vieira.

A entrevista que vem a seguir, com István Mészáros, foi realizada em 1983, quando o autor esteve pela primeira vez no Brasil a propósito das celebrações do centenário de morte de Marx. Sua republicação vem muito a calhar, neste traço histórico em que o tema da crise do capital está tão em voga – e em que o próprio Mészáros tem se aproximado bastante de uma esquerda brasileira. Isto porque resgata seus primeiros contatos com o País, pela mão de seu introdutor, J. Chasin – também editor de suas primeiras obras no Brasil, à exceção de *Teoria da alienação em Marx*. Temas centrais para a esquerda do século XX, como o do stalinismo, foram abordados na entrevista. Nela também se retomam traços importantes da trajetória do próprio Mészáros e de Lukács, de quem foi aluno, “O único do reduzidíssimo círculo que teve oportunidade de trabalhar diretamente com Lukács a sustentar com convicção e coerência o peso de uma identidade e a fertilidade de uma perspectiva”, segundo Chasin. Saliente-se, por fim, a explanação do entrevistado sobre seus projetos de pesquisa e editoriais – as recentes publicações e republicações de sua obra no País permitem dimensionar em que medida efetivou, e quando o fez, os projetos pretendidos.

A outra entrevista que neste número se publica foi feita por Rodrigo Chagas e Aline de Vasconcelos Silva e tem como entrevistado o artista plástico Gontran Guañes Netto, militante comunista e professor universitário no pré-64. A preocupação dos entrevistadores centrou-se na discussão dos eventos em torno do golpe de 1964. Isto porque o pintor teve trajetória semelhante à de muitos contemporâneos: prisões, torturas, exílio – com a diferença de que rejeitou as teses autojustificatórias da esquerda tradicional e realiza uma autocrítica. Como salientam os entrevistadores, não se percebe em seu depoimento nenhum “saudosismo” pela ditadura bonapar-

tista, a qual, para certos artistas, teria possibilitado criatividade e riqueza produtiva no campo estético. Ele demonstra, ao contrário, “quão arrasadora foi essa ditadura, que acabou com as esperanças de transformação social do efervescente período que antecedeu o golpe, obstaculizando brusca e violentamente a atuação de inúmeros artistas e intelectuais que, como ele, buscavam intervir na realidade brasileira”. Por outro lado, também não se vergou ao canto de sereia em que caíram as esquerdas atualmente, fazendo severas críticas a uma “democracia” que em nada modificou a vida material das pessoas, cuja liberdade para viver – com decência – ainda não se efetivou. A ausência de projetos alternativos de esquerda, que se faz hoje tão forte, é, certamente, uma das vitórias da autocracia bonapartista que se autorreformou em meados dos anos 80.

Na seção “Tradução”, Rainer Patriota, mais uma vez, oferece aos nossos leitores uma tradução de Georg Lukács. Trata-se de texto de uma área menos conhecida da produção do filósofo húngaro, que é o da crítica das artes plásticas. Embora, como salienta o tradutor, esta seja uma parte menor (teórica e quantitativamente) de sua obra – baste lembrar que, no âmbito da teoria e crítica literária, as contribuições de Lukács são “uma das mais vastas, polissêmicas e originais do século XX”, conforme Patriota –, as teorizações lukacsianas no campo da pintura são também valiosas e consistentes. O filósofo húngaro primava – no que seguia o próprio modo de proceder de Marx – pela constante verificação das estreitas e complexas relações que as produções estéticas têm com os momentos históricos em que nasceram. Bem assim, forma e conteúdo nunca eram isolados um em relação ao outro, o que lhe permitia discutir as questões pictóricas específicas, passando por estilo e técnica, de forma mais profunda. Muito embora se trate aqui de um texto da fase pré-socialista do autor, alguns elementos de sua sensibilidade estética (e, portanto, social, pois a arte está fortemente atada à sua gênese histórica) já se manifestavam, como transparece na crítica à descrição naturalista e à fuga para uma vida selvagem supostamente superior. Outrossim, cabe apontar, com o próprio apresentador do texto, que o percurso lukacsiano rumo ao marxismo não foi linear, mas, uma vez abraçada esta causa, Lukács se tornou um dos maiores marxólogos e socialistas do século XX.

Boa leitura!

*Leonardo Gomes de Deus e Vânia Noeli Ferreira de Assunção*